**Introdução**

Logo cedo começou a cantar em terras Maraguapenses, por volta de 4 anos de idade. Tendo estudado em internato no Rio de Janeiro, onde assistia e participava de corais, além de tocar piano dos 7 aos 15 anos, Ana Maria Militão Porto, ou simplesmente Nininha, estudou na UECE e ensinou no conservatório de música Alberto Nepomuceno. Durante o seu período mais ativo no cenário de canto coral em Messejana/Fortaleza pensava que a formação de corais era excelente para que outras pessoas tivessem contato com a música, formando, então, o seu primeiro coral em 1972 na Escola José de Barcelos. Em seguida, foi responsável por um projeto de multiplicação de corais no Ceará que formou mais de 200 corais no estado. Pupila de Orlando Leite, sempre estava antenada viajando e fazendo muitos cursos pelo Brasil levando o seu coral quando possível. Para isso, buscava financiamento de variadas fontes como: o reitor da Universidade Estadual, a Secretaria de Cultura e de Educação, além de amigos mais abastados da época e que conheciam o seu trabalho. Hoje, aos 74 anos, Nininha conta que era apaixonada pelo que fazia e foi muito feliz durante todos esses anos além de ter orgulho de seu trabalho ao dizer: “Cantavam bonito os meus meninos”. Segue abaixo entrevista concedida à Revista Música em Si acerca do tema Canto Coral no Ceará.

**Perguntas**

**Formação musical**

1) Lemos uma matéria sobre você no portal Messejana, Nininha, falando um pouco de sua trajetória a frente para a formação de tantos corais, mas nós gostaríamos de saber, qual a sua motivação?

R. Meu filho, eu sempre fui apaixonada e com 4 anos de idade já cantava. Danada, danada. Minha tia era freira e diretora de uma escola em Maranguape e de vez enquando precisava de uma apresentação e não tinha. Mas é bom o canto coral, às vezes, através do coral, você faz muito na cabeça dos meninos, coloca muita coisa boa. E eles vão crescendo junto com a gente e a gente crescendo junto com eles né?

2) Você tinha parentes músicos? Eles cantavam ou tocavam instrumentos?

R. Tinham muitos, alguns cantavam e outros tocavam instrumentos. Eles eram muito afinados. Hoje em dia há muita desafinação. Se alguém canta para você desafinado em sua formação, você vai ficar desafinado. Na minha família todo mundo é afinado, todos os filhos, todo mundo. Tanto do lado dos Castelo Branco quanto o dos Militão.

9) A matéria mencionava que no princípio o canto coral era uma atividade extracurricular e que depois passou a fazer parte da grade. A que se deve isso?

R. Eles perceberam a importância do canto coral e colocaram na grade. Mas aqui estourou não é?! O canto coral com o Orlando Leite. Fui aluninha dele.

13) No conservatório você foi professora, como foi essa experiência?

R. Fui, mas eu não gosto muito daquele formato de aula e para mim o social é o mais importante. Lá era só gente rica. Eu não fiquei muito tempo, só dois anos. Eu vou me gastar é com a pobreza! Aqui em messejana nós tínhamos um coral infantil lindo e um coral jovem lindo. Não conte comigo para vaidade besta!

**Projeto um canto em cada canto**

5) Como funcionava o projeto um Canto em cada canto? Havia alguma preparação para formar regentes?

R. Fortaleza tem uma vocação para o canto coral não é? Havia sim uma preparação para formar regentes. Todos eles, antes de assumir uma regência, faziam uma espécie de estágio e fazia parte do projeto essa etapa. Eu botei o nome do projeto exatamente por isso, porque todo mundo tem o direito de cantar! É muito bom!

11. Você já teve muitos corais, mas eles tinham muitos participantes? Qual era o perfil deles?

R. Eram muitos, sempre pelo menos 30. Tem que dar oportunidade, tem que ter “paciência de Jó”. Trabalhava com coro infantil e de jovens. No coro dos jovens, eu tentava evitar os meninos que estavam na muda da voz, a partir de 16 anos, 17 anos.

1) Sobre essa dificuldade técnica em que alguns alunos não conseguiam alcançar uma nota, como faz para educar e, assim, conseguir cantar o repertório?

R. A gente deve persistir. Eu já consegui muita coisa na minha vida de professora né? Não é no primeiro instante e é difícil(com muita ênfase) e quem desafina não sabe que tá desafinando. Tem que ser muito devagar e com muita paciência um trabalho às vezes individual para mostrar por onde o som passa, até marcando ensaio extra para isso. E essa calma dá resultado, às vezes a pessoa é musical! Tem instrumento e sabe tocar, mas, apesar disso é muito importante cantar. Não pode dizer que o aluno é desafinado, pois fazer isso pode criar uma barreira. Ao invés disso, coloca os alunos para cantar e diz “opa” quando há algo de errado e mostra a sonoridade que é pretendida. Quem é de coral há mais tempo já tem noção, e quem nunca foi?! Quanto mais você canta, mais vai ficando com o ouvido apurado. É muito bom ver um coral que canta bonito cantar, porque ou canta ou desencanta!

16) Como os alunos eram do contra-turno, eles não estavam lá por obrigações quaisquer. Hoje a música entrou no currículo regular da escola e acontece de algumas pessoas estarem na aula sem ter feito essa escolha. Você já teve alunos que estavam assistindo aula contra a sua vontade?

R. Não. Primeiro que para você ser meu aluno você tem que responder a pergunta: “quer cantar?” Tem que dizer:”quero”. Também tinha isso. Mas os frutos do trabalho acabavam incentivando outros a entrarem no coral.

4) O seu trabalho também formava regentes?

R. (uma irmã da Nininha falando): alguns grupos de ex alunos da Nininha fizeram uma festa para ela e uma de suas ex alunas muito danada começou a reger na frente dela igual a forma que a Nininha regia. Nininha: mas as minhas alunas regem, há muitos anos! ”Formaram-se muitos regentes?” Não sei, mas gostaria que os meus alunos se tornassem regentes e acho que muitos foram.

12) No seu coral acontecia de surgirem instrumentistas? Você pedia que eles acompanhassem o coral nas apresentações?

R. Não, eu dizia “agora você tem que aprender, estudar, o seu instrumento.” Nessa época em messejana tinha muito violão, pois era um instrumento barato, diferente do meu que acabei comprando com muito sacrifício, o piano que era muito caro.

6) Ainda sobre o projeto um canto em cada canto vimos que esse projeto gerou por volta da marca de 240 corais em todo estado do Ceará. Como isso se deu? Haviam muitos corais?

R. Além dos estagiários dos meus corais, eu dava muitos cursos pelo interior do Ceará. Na época que comecei não haviam muitos corais.

10. E a sua parceria com o Paulo Abel para a criação do projeto um canto em cada canto?

R. Paulo Abel, a gente era muito amigo não é? E muito sensato e legal não é? Apesar do meu grande incentivador ter sido o Orlando Leite, o Paulo Abel era um incentivador da música, era o que pode se chamar um expert.

7) Você falou há pouco tempo para nós que seus alunos viajavam. Como se dava essas viagens?

R. Eram através dos encontros de corais, todos anos meus alunos se apresentavam nesses encontros. Porque isso estimulava eles a melhorar, a querer continuar e crescer. As vezes viam outros

e diziam “queremos ser como esse coral”, eu dizia então vamos trabalhar.

Eu viajava muito, mas eu queria que eles também tivessem a chance que eu tive. Se tivesse o convite nós iríamos.

Pergunta extra) E a parte financeira dessas viagens?

Como nós erámos conhecidos sempre havia convite e a gente cantava por todo lugar na cidade. Mas era muito trabalho. Mas era bingo, era o escambau que a gente fazia. Eu sempre fui danada. Fazíamos também serestas que eram acompanhadas por violão ou um diapasão para ajudar. A gente cantava: “aqui estamos em vossa porta em figura de raposa, em figura de raposa, nós queremos qualquer coisa”, e também :“Deus vos salve a casa santa”. Quando íamos fazer uma viagem, a gente dizia estamos pedindo, porque eu não podia bancar, nem a secretaria de educação nem a de cultura, eles ajudavam e a gente explorava os ricos daqui. Eu nunca pedia pra mim, mas pro meu coral. “Eu era o cão, cê não vai escapar não, vai contribuir!”. Às vezes eles(os coralistas) não tinham nem como fazer a farda, era fogo.

15) E a escolha do Repertório?

R. No começo a gente tinha muita influência do Orlando Leite. E depois quando a gente viaja tem muitas influências e contatos de fora, compartilhando músicas.

**Hoje em dia**

8) Você costuma ainda assiste corais? Acompanhar corais?

R. Faz tempo. Hoje não porque é mais difícil já que eu tenho 74 anos. Mas logo que eu me formei, todo coral que estava aí eu ia lá ver. Assisti muitas vezes o coral da UFC no tempo da Izaira. Porque só melhora o seu coral se você assistir outros corais e eu viajava muito e com o meu coral também! Eles eram daqui de messejana e eram muito pobres, há quarenta anos atrás eram muito pobres e eu tinha que estimular. Por exemplo, em Recife haviam muitos corais e corais muito bons. Aqui no tempo do Orlando Leite também era maravilhoso, mas depois caiu um pouco né? E o meu coral era muito bom, mas não era por causa de mim, era por causa deles. Eram 3 ensaios semanais e eu era muito chata e exigente.

14) Hoje em dia há um tipo de coro que está muito em alta. No caso, o coro cênico, vocês chegaram a fazer isso?

R. Não me interessava. Ou você vai fazer teatro ou você vai fazer música. O meu foco era na música, mas eu não sou contra quem faz isso, mas eu não podia fazer algo que estava dentro de mim, mas menino, eles cantavam bonito.

CONCLUSÃO

Hoje em dia Nininha se emociona bastante quando algumas turmas de formações antigas de seus corais vão atrás dela e a homenageam por todas as formações que ela promoveu na vida daqueles que outrora foram muito jovens.